



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 175 JULHO A SETEMBRO 2014

Redação e Correspondência:
 UNIASES
 Apartado 1098
 4710-908 BRAGA
 Tel.: 253 951 257

Diretor:
 Alberto Melo
Chefe de Redação:
 Francisco Pinto
E-mail:
 ases@portugalmail.pt

Propriedade:
 União dos Antigos Alunos do Espírito Santo
Distribuição:
 ASES
Periodicidade:
 Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:
 1600 Exemplares
 Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
 Tadinense z artes gráficas
 www.tiptadinense.pt

Editorial

O NOSSO BOLETIM!...

Todos sabem, e nunca é por demais lembrar, que um dos objetivos fundamentais da União dos Antigos Alunos do Espírito Santo – UNIASES – e expressamente consagrado na alínea e) do Art.º 4, se materializa na publicação de um órgão de informação e ligação entre os seus associados.

Assim, é dado à estampa o Boletim que, trimestralmente, com uma certa dose de sacrifício e uma maior ou menor onda de entusiasmo, com alguma participação, ainda que diminuta, de agentes exógenos à Direção, é enviado a todos de quem temos conhecimento de uma passagem pelos seminários espíritanos, independentemente de se terem ou não firmado como sócios. De boa vontade e de livre iniciativa o fazemos, não exigindo uma formal contrapartida financeira por tal atitude. Ainda que, por questões de obrigatoriedade por imposição da lei de imprensa se refira no cabeçalho do 'jornal' que a sua assinatura anual seja de 5 €. Nada mais do que mera formalidade para dar cumprimento à tal lei de imprensa. Contamos, no entanto, com a benevolência dos nossos leitores a quem deixamos à consideração e consciência uma participação efetiva, não só moral como outra....

Participação moral ou o dever de colaborar com material escrito (prosa, poesia, artigos sejam que índole for) para um enriquecimento de conteúdos. São muitas as centenas para quem é enviado o Boletim, um potencial de força escondida que é preciso fazer desabrochar.

Participação 'outra' (económica, financeira) que até aos dias de hoje não tem faltado, agradecendo a todos os que tenham/têm ajudado a suportar este ónus. O apelo, consoante disponibilidade individual, para a sua sustentação, fazendo face a despesas de produção (tipografia) e de envio (portes CTT), continua de pé.

Pena que a escrita transmitida pela redação tenha assumido as regras do novo acordo que desde 2011 adotámos, sem dramatismos nem fanatismos, o que não tem sido do agrado de todos: há quem se manifeste totalmente em desacordo, outros nem tanto assim. Deixamos e respeitamos quem quiser escrever à moda portuguesa e não recorrer à estrangeirada. O que interessa é colaborar. Esses pequenos desacatos, os saberemos superar pois não fomos educados em escola fanática, qual "madrassa" islâmica. Compreensivos e tolerantes mas daí até ao ponto de renunciar ao Boletim porque vem escrito segundo o novo acordo... valha-me o Santo Cristo!

Alberto Ribeiro de Melo (Presidente da Direção)

SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 22 DE NOVEMBRO

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 50 ANOS

Bodas de Ouro 1964/2014

INSCRIÇÕES:

GODIM 1962

António C. Moreira 224 094 515/964 984 923
acmoreira1950@gmail.com

José A.M. Rego 224 332 889/939 619 592
joserego@portugalmail.pt

Óscar Sousa Maia 255 482 879/917 500 714
oscarmaia2012@gmail.com

VIANA 1962

Agostinho Codeço Pereira 968 770 074
a.codeco.pereira@gmail.com

Alberto José Cunha Oliveira 252 672 072
aljocuo@gmail.com

SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 22 DE NOVEMBRO

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 25 ANOS

Bodas de Ouro 1989/2014

INSCRIÇÕES:

(VER PÁGINA 3)

Lázaro Emanuel Gonçalves Oliveira
acmoreira1950@gmail.com

Paulo Estefânio Costa Ramalhoto
pauloramalhoto@gmail.com

MAGUSTOS

Domingo - 9 DE NOVEMBRO

**CENTROS DE ANIMAÇÃO
 MISSIONÁRIA**

Viana – Fraião – Porto
 Coimbra - Torre d'Aguilha

Sábado - 15 DE NOVEMBRO

ASES

SÃO PAIO DE OLEIROS

Organização Núcleo da Feira

Inscrições:

Carlos Seixas 220 805 687/964 076 126
ases@portugalmail.pt

NOTÍCIAS BREVES

HOMENAGEM AO PADRE JOSÉ DA CUNHA DUARTE

Natural de Penafiel, onde nasceu em 1940, do Curso de 1953 em Godim, pároco/prior da Paróquia de S. Brás de Alportel desde julho de 1981, foi agraciado, por ocasião da comemoração do 1º Centenário do Concelho de S. Brás de Alportel, em junho de 2014, com a mais alta condecoração do município: a Insignia Municipal de Honra, pela sua inteira dedicação, empenhada e dinâmica, na promoção cultural, na defesa e promoção dos usos e costumes/tradições social das gentes são-brasenses, não descuidando a sua missão de serviço e catequização em prol do povo.

UASP – II FORUM

Conforme agendado, realizou-se nos dias 13 e 14 de setembro, no seminário de Nossa Senhora da Conceição, (seminário menor), em Braga, o II FORUM UASP, subordinado ao tema “Olhares sobre o Concílio Vaticano II”. O AS António Joaquim Galvão (Godim 1970), pronunciou excelente intervenção sobre o Decreto do Apostolado dos Leigos que a assembleia seguiu atentamente merecendo rasga-

dos elogios da comissão organizadora. (Ver pormenores desta exposição na pág. 6).

Para além do orador António Galvão, a UNIASES fez-se representar pelo interventivo Azevedo Gomes e pelos elementos da Direção: Alberto Melo (Presidente), Francisco Pinto (Tesoureiro) e Albano Sousa (Vogal).

Os trabalhos desenrolaram-se conforme programação traçada, tendo os oradores traçado uma panorâmica geral, conduzindo a uma atenta reflexão proporcionada pela abordagem séria à maioria dos documentos produzidos no/pelo Vaticano II.

A culminar as intervenções do primeiro dia, D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga, com brilhante exposição, encerraria a sessão dos trabalhos temáticos do primeiro dia.

O Sarau Cultural previsto para a noite teve que ser abreviado para ser continuado extramuros com a interação/integração na Noite Branca que nesse dia se vivia em Braga.



NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

PROVÍNCIA DE CABO VERDE (CSSp)

Cabo Verde vai tornar-se grupo, Província autónoma, a 2 de Outubro de 2014, por decisão da Casa Geral, após consulta ao Superior de Cabo Verde.

Os membros da Congregação de origem cabo-verdiana deixarão de pertencer à Província Portuguesa, podendo, no entanto, serem estabelecidas parcerias de colaboração no que diz respeito a aspetos da Formação.

Uniases apresenta votos de sucesso missionário.

DIA DE POUILLART DES PLACES – 2 DE OUTUBRO

Na celebração dos 305 anos da morte de Cláudio Poullart des Places, tanto a Norte (Fraião) como a Sul (Torre d’Aguilha), foi comemorada a evocação do primeiro Fundador da Congregação do Espírito Santo, com alusivas intervenções do P. Tiago Barbosa e do P. Víctor Silva, respetivamente.

8 DE SETEMBRO - SILVA

O dia 8 de Setembro, desde sempre constituiu uma data privilegiada de festa para a Congregação, como é tradição, e o Seminário da Silva tem sido o local escolhido para a sua realização. Este ano não se fugiu à regra.

Ali se realizaram as primeiras profissões (2), as profissões perpétuas (4) e as celebrações jubilares (13) de Vida Religiosa.

A UNIASES fez-se representar pelo José Ferraz, pelo Rodrigues Ferreira e pelo Cunha Pinto que em 1964 integrava aquele lote de candidatos/noviços que em 1964 ali professara pela primeira vez, agora jubilados, recordando os que ainda continuam fiéis ao chamamento (Firmino Cachada, Joaquim Silva, Correia de Andrade, Ribeiro Mendes, Bernardo Bongo, José Águas) e os falecidos (Agostinho da Silva, Sabino Livelá, Silva Ferreira, José Kavinokeka) e que, ao tempo, enchiam as celas do Noviciado.

A MAGNA E AS PÉROLAS DE VÉNUS

Uma Magna tem sempre algum fascínio. Eventual portadora de algumas certas amarguras, ela traz basicamente razões de vida e satisfação, que é para isso que existe. Para além de sinal anual de uma obra e de um sonho, para além de um regresso naturalmente sentido

às fontes, para além da celebração do peregrinar de todos nós em geral e de cada um em particular, acontecem de vez em quando novidades, mesmo que algumas de algum modo esperadas. É assim o reencontro com colegas há muito “perdidos”. Há sempre dois ou três que vêm

pela primeira vez. Foi assim o reencontro, décadas depois, com o agora juiz no norte Fonseca Carvalho, José Maria Fonseca Carvalho.

Calhou-me ficar-lhe perto à mesa. Naturalmente, não o identifiquei de imediato. Mas como quem não sabe pergunta, logo ali ressuscitou vivo e a cores o inimitável condiscípulo. E que cores! E que vivacidade!

Como nos bons velhos tempos logo lhe coube assumir as despesas da conversação, o chiste em cada frase, o encadear das anedotas, a bonomia facial, as asserções bordadas a sorrisos, uma inocência maliciosa ou, se preferem, uma malícia inocente, juiz sempre. Aquela mesa de redondo repasto foi toda sua. Sem contestação.

Contributo para o registo de tão feliz regresso, aqui se deixa uma das suas contagiantes anedotas: o menino Carlinhos tinha aquela malfadada fama de inconveniente e mal-educado incorrigível. A mãe evitava levá-lo consi-

go a reuniões e lugares públicos não fosse ele descair-se e deixá-la mal. Um dia, porém, perante forte insistência do menino e a promessa de que se portaria bem, lá seguiu com a mãe para almoço muito frequentado e de cerimónia. Tudo parecia correr da melhor forma, superadas já as melhores expectativas, quando Carlinhos notou que alguém a seu lado, para pedir a sobremesa de umas vistosas uvas brancas, falou que lhe chegassem “aquelas pérolas de Vénus”. Atento e receptivo às boas práticas, foi quanto bastou para que Carlinhos, fazendo-se interessado nuns cintilantes morangos algures sobre a mesa, pediu respeitosamente à vizinha do lado: “cheque-me por favor os tomates de Neptuno”.

Um obrigado ao José Maria da Fonseca, perdão, ao Fonseca Carvalho. Volta sempre.

jjamoreira

FRAIÃO 1989

Inscrições - Tel. 919 441 970

	Data Nasc	Morada actual	
António Domingos Oliveira Coelho	26-06-1976	Trav. 5 de Outubro,	334750-473 GALEGOS STA. MARIA BCL
Bento Ricardo Pinheiro Gonçalves	12-12-1976	R. Barreiro, 752	4805-383 RONFE GMR
Cândido Paulo Alves Nunes Silva	07-03-1977	CAM do Larano-Ed. Vip Baia-Fr.S-4º A-Misericórdia	9200-109 MACHICO
Carlos Pedro S. Magalhães Mateus	13-03-1976	R. Dr. Mário Luis de Sousa, 12	5160-283 TORRE MONCORVO
César Paulino Vasconcelos Almeida	31-12-1977	R. Piornais - Edf. Horizonte, BI 2 -, Apt 6 B	9000-679 FUNCHAL
Edgardo Patrício da Rocha Matos	11-10-1973	Castanheira,	4990-730 SÁ PTL
Eduardo João Alves Oliveira	09-08-1977	Av. Madalena, 41 - Edf Levada do Cavalo II-BI C-AV	9020-329 FUNCHAL
Ilídio Arribada Cadime	29-03-1977	R. Amália Rodrigues-Lte 86-Hab.53 - Bairro Braguinha	5300-430 BRAGANÇA
Joaquim Carlos Lima Salgueiro	24-10-1977	Rua Alegria, 82	4750-049 LIJO BCL
José Alexandre Samões Vieira	01-09-1976	Avenue de la France, 16	(falta a localidade) SUIÇA
Lázaro Emanuel Gonçalves Oliveira	19-04-1977	Quinta do Ribeiro, 87	4700-150 FROSSOS BGR
Luís Oscar Faria Marques	09-05-1977	Urb. Quinta do Romão, Lte 3-C3, 2º E	8125-301 QUARTEIRA
Marco Alexandre Carvalho Duarte	27-07-1977	R. da Portela, 389	5470-229 MONTALEGRE
Marco Paulo Pinheiro Faria	23-04-1977	R. de Santa Cecília, 22	4705-651 VILAÇA BRG
Paulo Estefânio Costa Ramalhoto	26-08-1977	R. da Pousada de Dentro,71, 4º R/C E	4800-056 AZURÉM GMR
Paulo Jorge Fidalgo Gonçalves	17-07-1976	Av. Dom Nuno Álvares Pereira, 504-3º Fr	5470-203 MONTALEGRE
Simão Pedro Dias Rodrigues	06-04-1977	R. Padre Miranda, 86	4750-375 CARAPEÇOS BCL

UMA VEZ MAIS... O ENVELOPE

“AOS ADORMECIDOS...

Dirigimo-nos, daqui, aos adormecidos ou, talvez melhor, aos ESQUECIDOS...

Há mais de 1 000 ASES que não têm contactos com a União, a não ser recebendo o Boletim. Compreendemos que haja dificuldades...

ÁS, se não tens colaborado, envia o que pudeses”: aqui vai o ENVELOPE para o cheque...

Precisamos de 6 000 € por ano para o nosso Boletim trimestral.

Felizmente que tem havido uma excelente (com)participação de muitos e que não gostaríamos de sobrecarregar com a aplicação extraordinária de qualquer coisa tipo “complemento de solidariedade”!... Por isso, aqui juntamos o TAL envelope, apelando à generosidade de quem puder...

Os ASES que recebem o jornal por Internet, não recebem envelope, mas encontram, ao fundo da última página, ajuda para creditarem a conta na CGD...

ENCONTRO EM BRAGA com o Padre JOSÉ COSTA

A ideia da celebração de cinquentenários faz parte da cultura e a UNIASES assumiu-a desde o início, pelo que é caso para dizermos que antes de a querermos já tínhamos a obrigação de a fazer. É isto que vai moldando a cultura de um povo e é este o mecanismo ritual da identidade de gerações. No nosso caso, a coisa foi posta no calendário da UNIASES e a gente deu-lhe a seguinte volta e meia para a concretizar, começemos pela meia volta e depois iremos à volta inteira.

Pelo Natal de 2013 o Padre José Costa fez o apelo para um possível encontro em finais de julho ou nos princípios de agosto de 2014 para celebração dos 50 anos de entrada no seminário de Godim e Viana, contando com a colaboração da direção da UNIASES para uma ampla divulgação da efeméride e indicava entre outros os nomes do Artur Pereira, do Castilho, do Adelino Nogueira, do Zé Machado, do Chico Maia e do Casalta, amigos desde longa data (primeira hora), apelando à amizade, e generosidade de todos, já manifestada em anterior almoço no Porto.

Trocou-se variada correspondência electrónica entre o Natal e a Páscoa para clarificação de ideias que se foram aproximando dos ouvidos, sem contudo garantir qualquer objectividade final mas que vão contribuindo para o apuramento de sensibilidade acumulada.

O Padre Zé Costa voltaria a insistir na Páscoa do corrente ano e delineava um programa de Encontro dos 50 anos de entrada quer em Godim quer em Viana, para o dia 3 de Agosto, atendendo a que não poderia estar presente nas datas indicadas pela UNIASES, a recaírem sobre o mês de outubro. Desse plano de festas constava a Missa na Capela a que se seguiria o almoço que poderia ser no Fraião e ser servido por uma empresa de catering, ficando o Zé Machado encarregado dessa tarefa. Caso não fosse possível, ter-se-ia de recorrer a um restaurante das redondezas e porque não um almoço partilhado, tipo piquenique, no monte da Falperra...?

Passar a mensagem a outros colegas, impunha-se. A ideia proposta pelo Zé Machado parecia interessante. Quem quisesse poderia escrever qualquer coisa, género memória, sobre a passagem pelo seminário, concretamente sobre os primeiros tempos... depois poder-se-ia reunir em pequeno livro!!! Quantos mais estiverem presentes, tantos mais os testemunhos.



Daqui para a frente foi só dar aos pedais e a bicicleta chegou ao destino: reunimos 56, contanto homens, mulheres e filhos. O repasto não foi no Fraião por razões de número e de logística, mas a missa foi e a visita às instalações: os primeiros contactos antes da missa tiveram muita piada por razões que só os olhos e a saudade podem conseguir. A UNIASES esteve presente e com grande sentido de missão. Na missa, o senhor Padre Guedes referiu-se ao nosso encontro e o Padre Costa fez um sermão afectuoso mas religiosamente comprometedor de todo o nosso passado.

À mesa, no restaurante Santo Adrião, ali bem perto do seminário, na descida para a cidade, por detrás de um monumento que se fez a Nossa Senhora de Braga, comemos e bebemos e antes de pagarmos discursamos alto e bom som, para o riso e para o siso, dando todos uma ideia de que tivemos boa escola.

O compromisso foi dar origem a uma edição que celebre o encontro, carga de trabalhos que o José Machado assumiu e da qual se fica à espera de saber mais.

Aos que enviaram mensagens a justificar a sua falta de comparência (Manuel Joaquim Pereira, Nelson Correia, António Rocha, Benjamim Alves, Faria da Torre...) e que lamentaram profundamente, têm uma próxima oportunidade de reencontro na celebração dos cinquentenários da entrada no seminário, em sede própria: Godim ou Viana, em 4 e 18 de outubro respectivamente.

Seguem-se as imagens, as possíveis, que documentam o êxito assinalável da iniciativa levada a cabo por discípulos e contemporâneos do P. José Costa cuja fugaz passagem por Portugal deu aso a um reencontro vivo no Fraião onde foram esclarecidos das valências do velho seminário, agora remoçado na fachada e no seu interior.

Um aperitivo para um encontro mais profundo a realizar em 4 de outubro, no Seminário de Godim, para comemoração de um festivo cinquentenário dos que lá entraram no ano de 1964. Convidado está o Diretor de então, o P. Manuel Santos Neves e o agora P. Afonso da Cunha Duarte que na altura entre outras disciplinas ministrava o prazer pela disciplina de Desenho e ao qual alguns ficaram a dever a paixão pela pintura contemporânea.

POR CAMINHOS DE PORTUGAL

2. OS PELOURINHOS

Por todo o país, no sítio público mais importante de grande número de povoações, subsistem ainda os pelourinhos, construídos desde os finais da Idade Média até ao século XVIII, como símbolos do poder municipal. Das quatro centenas dos existentes de que há conhecimento, temos referenciado “de visu” para cima de trezentos e duas centenas de fotografados.

Os pelourinhos são constituídos estruturalmente por três partes: a base, o fuste ou coluna e o remate. Há os que estão assentes sobre um afloramento granítico: Alhais-V.N. de Paiva, Passô-Moimenta da Beira, Rossão-Castro Daire... A sua origem remonta a uma coluna de pedra, denominada *columna Moenia* colocada pelos romanos em sítios públicos para amarrar e julgar/condenar os criminosos. Este elemento, como a estrutura judicial que o apoiava, transitou para a Idade Média com o nome de *picota*, coluna de pedra rematada por ganchos (picos) de ferro que serviam para agrilhoar os criminosos, castigá-los e expô-los publicamente ao escárnio do povo, servindo, por vezes, o local como patíbulo de execução capital.

A *picota* era, pois, um instrumento de tortura implantado no interior das povoações, junto dos castelos, das casas senhoriais e dos municípios, enquanto a força se situava no exterior, geralmente em local elevado. Nas Ordenações Afonsinas, livro I, título 28, mandava-se que os padeiros, carneiros, regateiras, etc., que furtassem no peso, fossem postos na *picota*. Aqui aparece a figura dos “almotacés” (fiscal das atividades económicas ao tempo), que tinham poder para impor penas e multas para evitar as fraudes e os abusos em prejuízo do consumidor, sujeitando os infratores à vergonha da exposição na *picota*. Uma postura da câmara de Viseu, de 1304, manda que todo carneiro, padeiro, etc., que tiver pesos falsos, pague cinco soldos, e seja colocado na *picota* para seu vexame. Curiosamente refira-se que Forno do Telheiro (Celorico da Beira) quando indagava acerca da existência de um pelourinho na localidade, logo o referiram (erradamente) como sendo a força, reforçando a ideia de que a execução era praticada nesses locais.

A organização da estrutura jurídica e administrativa a partir dos reinados de D. Afonso III (1210-1279) e D. Dinis (1261-1325) contribuiu para que estes dois elementos passassem a ser cada vez mais tipificados.

Durante o século XIV ainda se procediam a algumas execuções nos pelourinhos. A partir do séc. XV, as execuções capitais não eram já prática habitual, permanecendo a exposição para vergonha do prevaricador e conhecimento do povo.

Foi, porém, a centralização do poder absoluto no reinado de D. João II (1455-1495) e a reforma administrativa manuelina (1469-1521) que contribuíram para a transformação da *picota* em pelourinho, o qual passou a representar o poder judicial e o pelouro dos municípios, tornando-se como símbolo da liberdade municipal e o marco concelhio. Esta nova terminologia de pelourinho seria consumada a partir do séc. XVII, substituindo a da *picota*, de origem popular.

Embora, por vezes, ainda se continuassem a expor os criminosos, em regra forasteiros, amarrados ao pelourinho, este é essencialmente utilizado para a afixação de editais e para servir de apoio à proclamação de posturas e outras leis municipais e gerais.

Desde então, sem que a sua estrutura fixa se altere, o pelourinho adquire características particulares consoante as influências estilísticas, os motivos decorativos e emblemáticos que integra e os materiais da região onde se implanta. Existem pelourinhos góticos, manuelinos, clássicos e barrocos. A base, ou plinto, pode ser circular ou poligonal, simples ou com degraus. O fuste ou coluna, reveste a forma monolítica circular ou poligonal, mas, por vezes, é torso ou apresenta enrolamentos em cordame. O remate pode apresentar diversas formas, composições e decorações, tornando-se, geralmente, o elemento mais individualizante, estética e emblematicamente. Pode ser constituído por um capitel, por uma esfera armilar rematada por uma coroa ou cruz, por uma ‘pinha’, por um conjunto de símbolos heráldicos referentes ao poder central ou local ou ainda por elementos decorativos de caráter vegetalista.

Assim, grande número de pelourinhos do século XVI apresenta remates com composições e decorações manuelinas, ostentando o do século XVIII uma escultura em coroa ou a ‘gaiola’ com formas barrocas.

As transformações jurídico-administrativas consolidadas pelo regime liberal no século XIX provocaram o abandono dos pelourinhos como símbolo do poder, tendo, muitos deles, sido destruídos (a partir de 1834), que os consideravam (erroneamente) símbolos de tirania onde se exercia uma justiça punitiva. No entanto, nos espaços públicos ou nos largos das velhas sedes municipais subsiste por todo o país grande número de pelourinhos, agora apenas testemunhos de um passado histórico e elementos decorativos do espaço urbano nem sempre bem conservados. Outros, reconstituídos através de réplica de ilustrações antigas (casos de Seia, Sesimbra, Sabugal...), recentemente erigidos, a fazer lembrar o viajante que, outrora, fora a localidade um município com história. Fragmentos de maior ou menor amplitude encontram-se disseminados pelos mais estranhos espaços, fazendo parte de muros, de degraus de escadas, de escoras a construções, de ornamento de fontes e da adaptação a cruzeiros. Pior, os que desapareceram sem deixar rasto, apenas a denominação dos locais dão conta de que existiu (existiria) um tal ‘monumento’ a atestar pelo “Largo do Pelourinho”, como em Tentúgal, em Couto do Ervededo (Chaves)...

Em 10/10/33, surgiu o Decreto 23122 do Ministério da Instrução Pública, dando conta da existência de dois tipos de monumentos a atestar a antiga e característica organização social: os paços de concelho e os pelourinhos, sublinhando a importância destes mais como símbolos de autonomia regional e não como locais de tortura. Muitos encontram-se abandonados pelas municipalidades e pelo Estado que tem apenas 33 classificados, de entre os de maior valor artístico, de imóveis de interesse público (IIP), tornando-se imperativa a sua inventariação/catalogação e classificação. Mais afirmava esse decreto de entre os de maior artístico que a guarda e manutenção dos pelourinhos ficariam a cargo das autarquias (municípios, freguesias) e que deveriam ser recolocados nos seus locais primitivos e neles reintegrados.

Com este Decreto 23122 foi dado um pequeno passo para recolocar os pelourinhos no caminho da nossa história como símbolos da autonomia concelhia e da justiça municipal ao longo dos anos em que perduraram.

Alberto Melo



VIDA e MISSÃO do LEIGO na IGREJA e no MUNDO

Foi este o título escolhido pelo António Galvão (G70), nosso representante e orador no II FORUM da UASP, tendo como fundamento e análise o Decreto APOSTOLICAM ACTUOSITATEM, sobre o apostolado dos leigos. Socorrendo-nos do 'power-point' com que ilustrou a sua eloquente intervenção, procuramos obter um documento "word" mais legível e não distante da sua versão original.

[Promulgado a 18 de novembro de 1965 é constituído por 33 parágrafos, distribuídos por 6 capítulos, antecedidos de um "Proémio", que consagra o dever e o direito de os leigos serem apóstolos pela sua união com Cristo. tem por objetivos: ajudar à compreensão da espiritualidade laical, fomentar o serviço missionário na construção do Reino de Deus e colaborar no desenvolvimento e promoção da vida humana, podendo ler-se no Proémio: " o sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a atividade apostólica do Povo de Deus, volta-se com empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja (...) deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja" (1)

"O apostolado dos leigos não deve reduzir-se unicamente a colaborar com o sacerdote no campo limitado dos atos de piedade, mas que, além de ser esforço contínuo por conservar e defender integralmente a fé católica, deve ser apostolado missionário de conquista para a dilatação do reino de Cristo em todos os setores e ambientes" (Rio 45) Conferência – Rio de Janeiro, 1955.

"O concílio entende ilustrar a natureza, a índole e a variedade do apostolado dos leigos, bem como comunicar os princípios fundamentais e dar as orientações pastorais para o seu mais eficaz exercício; tudo isto deverá servir de norma na revisão do direito canónico na parte que diz respeito ao apostolado dos leigos" (1) – Proémio

O apostolado nasce da vocação cristã "A vocação cristã, por sua própria natureza, é também vocação ao apostolado (...) no Corpo de Cristo, que é a Igreja" (2) Proémio.

Igreja é comunidade. Todos somos igreja "Católica", isto é, para todos em todo o mundo.

As distinções entre leigos, clérigos, religiosos/as não se situam em nível de estado ou dignidade, nem de sagrado, temporal ou profano, mas no que significa, expressa e se organiza enquanto encargo, missão, responsabilidade, consagração, serviço, representatividade, direção e comunhão.

O eclesial não deriva do hierárquico – ser Igreja é ser cristão, comum a todos os batizados. Em Igreja são todos os seguidores de Jesus e a Igreja são todos. Todos temos uma igualdade básica, uma forma comum de ser e estar na Igreja.

Resumindo os capítulos da Apostolicam Actuositatem:

Cap. I – A Vocação dos Leigos ao Apostolado

Nenhum membro tem papel passivo no Corpo Místico de Cristo e, para isso, a Igreja deve unir o trabalho de cada um "segundo a atividade de cada uma das partes, a fim de se edificar na caridade" (Ef 4,16). Os leigos cumprem a parte que lhes cabe na missão do povo de Deus - É-lhes próprio viverem no meio do mundo e das ocupações seculares. São chamados por Deus, para, cheios de fervor cristão, exercerem o seu apostolado no meio do mundo.

O apostolado e a fecundidade do apostolado dos leigos deriva da união e intimidade deste com Cristo: na santificação, na oração, na abertura ao Espírito Santo e no amor pela Igreja.

O apostolado não consiste apenas no testemunho de vida; o apóstolo procura as ocasiões de anunciar Cristo pela

palavra, quer aos crentes para os conduzir à fé, quer aos fiéis para os instruir, confirmar e estimular a uma vida mais fervorosa.

A força da Igreja e o que a deve identificar é a Caridade, sobretudo com os mais necessitados. Por isso toda a Igreja deve sentir-se vinculada pela Caridade a todos os homens e mulheres do mundo. O testemunho pessoal é o principal para o cumprimento da missão da Igreja.

Cap. II – Os Fins do Apostolado dos Leigos

Lembra que, devido às suas condições de vida, os leigos representam uma vocação especial para exercerem, como fermento, o seu apostolado de fé, esperança e caridade no meio do mundo. A sua atuação contribuirá para que o espírito do Evangelho faça parte de todas as dimensões da vida - evangelização e santificação dos homens.

A consciência cristã do leigo levá-lo-á a apoiar e criar causas justas em benefício do bem comum, sejam estas de ação social, caritativa, cultural e/ou de promoção humana.

Cap. III – Os Vários Campos do Apostolado

"Exercem o seu apostolado multiforme tanto na Igreja como no mundo" (9), a começar pela família, estendendo-se às comunidades (juventude) e ao meio social, na ordem nacional e internacional.

Ressalta a necessidade do reconhecimento da participação e contribuição das mulheres nos vários trabalhos pastorais. A riqueza dos ministérios dos leigos nas comunidades é tal que, em alguns casos, são as mulheres que mantêm viva a comunidade.

Este engajamento na vida da Igreja e na pastoral implica formação (Cap. VI) permanente através de estudos bíblicos. Documentos da Igreja, iniciação teológica, catequética e fé. Formação com lideranças, retiros espirituais, etc..., sempre com destaque para estar ao serviço de Deus nas ações, nas atitudes e nas decisões, conforme à verdade e anúncio do Evangelho e à unidade da Igreja.

Cap. IV – As Várias Formas do Apostolado

"Os leigos podem exercer a sua ação apostólica como indivíduos, quer unidos em diversas comunidades e associações".(15)

Convida ao alargamento do seu trabalho para além da paróquia, da diocese, chegando aos grupos interparoquiais, interdiocesanos e além-fronteiras e ao trabalho ecuménico.

Trata do apostolado exercido em condições e circunstâncias especiais, como por exemplo, nas regiões onde a liberdade da Igreja é restrita. Mostra ainda o contributo que a Ação Católica, como movimento leigo, trouxe à Igreja, sobretudo, a problemática do mundo moderno. É de salientar que, depois do Concílio, este ideal (movimento leigo) fomentou a organização de pastorais sociais e o seu papel ativo na Igreja e na sociedade.

Cap. V – A Ordem a Guardar no Apostolado

"O apostolado dos leigos, seja ele exercido pelos fiéis individualmente ou em associações, deve integrar-se ordenadamente no apostolado de toda a Igreja, em união com aqueles que o Espírito Santo colocou à frente da Igreja de Deus (Act 20,28), sendo necessária a cooperação entre as diversas iniciativas apostólicas, que devem ser convenientemente dirigidas pela Hierarquia. (...)

Requer-se, pois, a estima recíproca de todas as formas de apostolado na Igreja e a sua apta coordenação no respeito pela índole própria de cada uma". (23)

O Espírito Santo é livre para distribuir os seus dons e carismas, escolhendo pessoas para determinados ministé-

rios, funções e serviços segundo as necessidades que Ele deteta na Igreja e no mundo. Nada será feito sem a nossa autorização, sem o nosso esforço, que consiste em não perturbar o trabalho do Espírito Santo. Qualquer vocação na Igreja está intimamente conectada com dons e carismas, ministérios e funções que proveem do Espírito.

Cap. VI – A Formação para o Apostolado

Salienta a necessidade dos leigos se consciencializarem da importância da formação, que não pode consistir unicamente na instrução teórica mas numa aprendizagem gradual e prudente para ver, julgar e agir à luz da fé. (Destaque sobre a importância da consagração do leigo no mundo: Sínodo, em 1987, sobre o Laicado; e a Exortação Christífides, de João Paulo II, em 1988)

“Fiéis de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”. (43) “Todos os fiéis são convidados e têm por obrigação tender à santidade e à perfeição do próprio estado”. (44)

A ação dos leigos passa a ter importância, a ser considerada na pastoral vocacional e confirmada no catecismo da Igreja Católica (898): “os fiéis leigos estão na linha mais avançada da vida da Igreja; graças a eles a Igreja é o princípio vital da sociedade humana”.

“Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo” (Mc 10,43). Este desafio tem marcado as relações entre clérigos e leigos desde o Concílio Vaticano II e reclama urgente solução para que a Igreja, como verdadeiro povo de

Deus, possa cumprir a sua missão salvífica e missionária.

Que o leigo, atento à sua própria vocação, possa estar sempre pronto a cumprir a sua missão, e quanto maior for a abertura ao Caminho (Cristo), muitos outros batizados poderão percorrê-lo na procura da sua vocação na Igreja e no mundo.

Concluindo e resumindo: no Decreto sobre o Apostolado dos Leigos há a manifesta intenção de ilustrar a natureza do apostolado dos leigos, sua índole e suas possibilidades, apontando os princípios fundamentais para uma ação pastoral mais eficiente.

A vocação laical para o apostolado assenta nos fundamentos do batismo de modo a poder ser atingido em plenitude o seu fim pelos diversos campos de apostolado, levando em linha de conta as relações com a hierarquia e apontando para uma formação requerida, gradual e permanente.

Os leigos têm a responsabilidade específica e absolutamente necessária e imprescindível na missão da Igreja; pelo seu apostolado a Igreja é presença no mundo por ação do Espírito Santo que interpela e estimula os leigos para que se coloquem ao serviço da Igreja em toda a parte.

O Espírito Santo leva-nos a viver a Igreja como o “nós” fundamental dos cristãos, os quais pelos sacramentos da iniciação cristã são: todos irmãos em igual dignidade, embora diferentes nas funções mas todos solidariamente corresponsáveis.

TEATRO NO FRAIÃO

Decorria o ano letivo de 1960/61. Os colegas mais velhos do Pavilhão Norte preparavam-se para levar à cena, uma peça, por eles ensaiada, a ser apresentada no nosso Pavilhão (Sul), visto ser aí que existia o palco cénico, como, todos os que, ao tempo, por lá passaram, estarão lembrados ainda.

Ora, cá o rapaz, durante a sua permanência em Godim, sempre habituado, ou melhor, mal habituado a fazer parte de tudo o que ao teatro dissesse respeito, valendo-se do bom relacionamento, que, desde o ano anterior, mantinha com o saudoso colega mais velho, de seu nome Fernando Cavadas, na sua qualidade de membro diretivo da Associação Académica, ou algo equivalente, o abordou, com vista a poder entrar numa peça, mesmo que de uma forma passageira, garantindo-me que alguma se haveria de arranjar. Disso poderia eu ter a certeza.

Dias depois, interpelou-me à hora de um recreio, para me dizer que iria representar um monólogo, cujo texto até já tinha consigo e que me entregou, recomendando-me urgente necessidade em decorá-lo rapidamente pois que estava para breve o dia da representação.

Não foi tarefa difícil; tratava-se, com efeito, de uma pequena rábula ou sketch, como hoje se diria. No dia aprazado, pisei o sobrado daquele palco que tinha só para minha disposição. Bem vestido, belo smoking corado por uma cartola de sabichão, arrastando uma lata que trazia presa a um cordel, barulhenta quando a arrastava palco afora! Após várias voltas, indo sempre à frente, dizendo em alta voz: “notícia sensacional, meus senhores!”.

Só depois de me aperceber que a plateia, a começar pelas primeiras cadeiras onde estavam os convidados de honra da cidade de Braga, já não suportava mais aquela minha expressão, tantas vezes repetida, aliada à incómoda chinfrineira do arrastar da lata, dizia, perfilado como numa formatura de juramento de bandeira, na parada principal do quartel e tirando o chapéu alto da cabeça, fazendo-o

deslizar de cima para baixo: hoje em dia só se safa quem tiver Linha... e, descrevendo uma linha reta, da esquerda para a direita e bem em frente da cara, ... e Lata!... rematando assim a minha atuação na vez única que pisei aquele saudoso palco.

Foi este o meu primeiro e último ato teatral, no Fraião. De Godim, para gozo próprio, guardei essa influência benéfica do teatro que trouxe comigo ao longo da minha vida. Em Godim, dizia eu, tirei a barriga de misérias, tendo entrado em todas as peças, das quais recordo “O ZÉ PACÓVIO”, talvez a primeira, e outras e outras, sendo talvez a última, maior e a mais trabalhosa “MATUSALÉM”, personagem bíblica e que é citado no Génesis, como tendo sido filho de Enoque e avô de Noé.

Hoje, no Fraião, uma participação muito modesta, em relação às que no passado havia tido, em Godim, mas, mesmo assim, muito, mas mesmo muito saborosa. E como já referi, graças a um bom amigo, que tinha no Pavilhão Norte. E essa nossa amizade não foi só no Seminário... foram várias as oportunidades que a vida nos deu para reforçar essa amizade. Várias vezes na Sobreira, Paredes, sua terra natal, onde nós convivemos, quase sempre em casa de um amigo comum, também ele já chamado por Deus ao seu Reino: Abel Leão, de seu nome.

É bem verdade que uma das coisas maravilhosas da vida, são as sãs, genuínas e desinteressadas amizades, que fazemos. Quando os nossos amigos partem, ficamos mais pobres, sem dúvida e principalmente, como era o caso destes dois, quando eles são (eram) de primeiríssima água! Claro que para nós, crentes, eles só partem antes de nós, e porque nos amam, continuam ligados a nós pelo pensamento, pelo sentimento e pelo amor que nos dedicam. Eles vivem e nos esperam para o Reencontro!

Saudações, muito amigas, para todos os Ases, bem como para os seus familiares e amigos.

Manuel António Pousa - Godim 57

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves
Alberto Melo

Férias... ou nem por isso!

Para uma grande maioria, felizardos, as férias lá se foram. Julgo, a ver pela pouca correspondência, via CTT, recebida que as mesmas foram completamente preenchidas, sem tempo para uma pausa para indagar dos amigos ou sobre os mesmos prestar informação. Paciência!... a rubrica será na mesma preenchida.

António Albérico Meireles G45

Escreve-nos, à uma, a contar o seu estado de espírito, de revolta e angústia, pelos atropelos morais de que tem sido alvo e que têm o seu fundamento na crise de valores (morais, democráticos, cosmocráticos e cristocráticos) em que a sociedade está mergulhada. Continua no seu descontentamento: Reformas? Mas que reformas se continuam graves e acentuadas as desigualdades sociais? É imperativo, mais justiça, reformas mais justas e mais humanas (...).

Não bastam as boas intenções e posições... Que mais poderemos fazer por ti? Há que lutar, sem desanimar, ir até ao fim, amigo Meireles, se achas que a razão te assiste. "Insisti e alcançarei".

Por outro lado, pedindo a publicação neste Boletim, agradeço de todo o meu coração a solidariedade dos ASES que acederam ao meu pedido de ajuda. Todo esse apoio financeiro/monetário, até à presente data, foi assim distribuído... E conta-nos, sem referir nomes, dos movimentos que recaíram sobre a sua conta na CGD: em Janeiro, dias 13, 14 e 20, (120 + 120 + 20 €); em Fevereiro, dia 12, (100 €); em Maio, dia 8, (50 €); em Julho, dia 4, (500 €); em Setembro, dia 4, (100 €), totalizando 1010 €.

Termina pedindo desculpa pelo incómodo provocado e pela agressividade, por vezes demonstrada, que é devida às circunstâncias vividas. Por nós, tudo bem; fica em paz!

Serafim Gomes Oliveira G50

No último UNIASES (174) foi citada a Casa dos Rapazes de Lisboa (neste (175) volta a ser referida). Diz, então, o Serafim: Fez-me lembrar a Casa dos Rapazes de Nova Lisboa (Huambo) e o Revº. Sr. Padre António Ferreira da Silva, de Lourosa. Isto para esclarecer que seus pais, ele e suas irmãs residiam mesmo defronte da casa dos meus pais, onde vivíamos (10 irmãos). Talvez que esta proximidade me tenha tocado quando disse aos meus pais que queria ir para o Seminário.

É verdade que a sua passagem pelo

seminário foi efémera mas que o marcou profundamente isso se pode inferir quando diz julgo ser (é) um HOMEM ESPIRITANO pela educação recebida, (julguem-me pelos meus atos).

Impagável este Serafim que, em jogada de antecipação, o Natal está próximo embora pareça distante, deseja a todos os ASES e familiares votos de Bom Natal e Feliz Ano Novo, com Saúde, Paz e Amor.

José Cândido Gomes Ferraz G54

Enviou-nos um mail impregnado de amargura e de mal-estar até, em que relata o contacto/encontro com a Arminda, esposa do Saldanha (G54), internado no Lar do Fraião "Anima Una", e que está demasiado aborrecida com a atitude que todos nós temos tido, (...) pelo facto de ninguém o ter ido visitar, sobretudo no dia da Magna.

Não terá sido tanto assim. Nesse dia da Magna verifiquei com os meus próprios olhos que andavam desenfados (gíria militar), perdidos pelos corredores do Fraião, os colegas de ano (Matos Vitorino, Cardoso Veiga, Tavares) na procura, infrutífera, do Saldanha. Demasiados labirintos e burocracia que poderiam ter sido torneados se a esposa tivesse o bom senso de informar como o contactar/visitar.

E continua: A Arminda não deixa de ter razão, por isso me calei quando ela, por mais que uma vez, me atacou, atacando em mim todos os ASES. Confesso-vos que me senti tão mal, sobretudo porque senti e sinto que ela tem razão, que me apeteceu abandonar tudo.

Apenas direi, para não me alargar, "não tanto assim"!

Em data posterior, desloquei-me ao Fraião com a única finalidade de visitar o também meu colega de ano. Encontrei-o de bom aspeto. Ao ver-me, o seu semblante irradiou felicidade, o que me espantou. Apenas, uns lapsos de memória. Indaguei, junto das funcionárias do lar que o cuidavam, do melhor horário para uma visita, tendo-me sido dito que a mais indicada seria após o almoço e que o haveríamos de o encontrar (sendo por elas conduzidos) ou na sala de descanso, situada a poente no 1º andar Norte, ou no seu quarto, cuja localização desconheço.

Telmo Santos Verdelho G54

Falando sobre o livro recebido "Levados por um Sonho" diz ser Um belo volume e um meritório empreendimento do António Luís. Vou lê-lo com muito gosto. Dizem-me os colegas que já leram que é a nossa história conta-

da com arte e ciência. Vou afrontar a nostalgia de quem lembra os anos da inocência.

Direi que não estás enganado e espero que não saiam defraudadas as tuas expetativas pois o seu autor impôs uma regra de seriedade e autenticidade na obra levada a cabo, onde está bem patente toda a sua arte criteriosa de investigação. No seu cunho, a nossa marca.

Abel Pereira Correia G55

Mandou mail a cujo conteúdo não tivemos acesso. Supondo que nada de grave tenha acontecido esperamos nova comunicação. Queixa-se de bloqueio da conta que tinha no Google, obra de algum espertinho que por lá queria andar a vasculhar. A sua comunicação, dando conta do sucedido, foi enviada através de iPhone, onde menciona estar ainda com alguns problemas.

Fazemos votos para que tudo se resolva rapidamente.

Narciso Augusto Pires G56

Irmão do malogrado (Manuel) Luís Pires cujo falecimento anunciamos no anterior Boletim, n.º 174, escreve-nos a complementar a informação que, oportunamente, havíamos dado. Lidei de perto com o extinto, carteira lado a lado e partilhámos os mesmos espaços lúdicos (3ª divisão) durante dois anos, no Fraião.

E acrescenta: tirou o curso de Professor Primário em Bragança e a licenciatura de Direito em Coimbra. Desenvolveu quase toda a sua atividade profissional em Bruxelas ao serviço da CE. Estava jubilado há quatro anos.

Julgo que terá desempenhado também as funções de delegado hospitalar. Segundo me disse o seu primo, Acácio Jacob, seria dono de um restaurante fino na Praia d'Él Rei, em Óbidos, bem perto do local de concentração e estágio da Seleção.

Obrigado, Narciso, pela recordação que proporcionaste de teu irmão Manel.

António Gomes Sousa G59

Apesar do meu distanciamento da Congregação nos últimos anos tenho recebido o boletim UNIASES que agradeço.

É para isso mesmo que serve o Boletim: aproximar, encurtando distâncias.

Manifestando a continuidade desse desejo, comunicou-nos a sua nova morada para onde se transferiu no final de Setembro, apesar de ser no seguimento na rua onde antes residia.

Suponho que, a estas horas, o Tesoureiro já terá tirado o devido apontamento.

José Manuel L Lopes Subtil V59

Indica-nos o seu novo endereço, embora na mesma localidade anterior, S. João do Estoril, mostrando desta maneira interesse em continuar junto com a UNIASES colaborando para a atualização de ficheiros.

Obrigado! Julgo que o Tesoureiro já terá procedido à devida alteração. Anotamos o novo endereço eletrónico: josesubtil@netcabo.pt

Benjamim Costa e Silva G61

Não haverá quem tenha uma foto da entrada em 1961, em Godim? Perguntava há dias nas redes sociais (Facebook). Fiquei de dar uma resposta. Tiro de pólvora seca. Indaguei junto dos arquivos da Congregação e a primeira investida resultou infrutífera; mas não há que desanimar.

Lançamos agora o repto aos que em Godim entraram no ano de 1961: quem tiver fotografias desse tempo não se importa de as partilhar para as fazermos chegar mais além? Aguardam-se respostas positivas.

Luís Alberto Martins Gomes G61

Embora modesta, procedi hoje a uma transferência de 30 € para ajudar a manter os nossos laços. Assim é que é falar. Natural de Vilar de Amargo/Fig. De Castelo Rodrigo, encontra-se a residir em Reguengos de Monsaraz, pátria do célebre Esporão. Se uma escapadinha pelo Alentejo se proporcionar por favor anotem o seu número de telemóvel 927 133 308. Recado transmitido, sobretudo, aos colegas de ano: Godim 1961/62.

Américo P. Espírito Santo G63

Conta-nos com o seu refinado humor, da maior parte de nós já conhecido, que vai fazer um esforço para cortar no SG FILTRO e antes que estoure todo o subsídio nas férias, procedeu a uma transferência para atualização de quotas.

As sobras, dai-lhe o destino que achardes por bem.

Está descansado que este Espírito Santo é o BOM! O diretor financeiro, promoção do Tesoureiro, tratará de o bem gerir.

António Manuel Rocha G64

Natural de Parada/Bragança e a residir em Rio de Mouro/Sintra, diz-nos que tem vindo a receber o Boletim desde outubro do ano passado e que pretende regularizar a situação.

Maviosas palavras aos ouvidos do Tesoureiro que, por certo, já terá comunicado o “modus faciendi”. Não obrigamos ninguém. De graça e boa-fé o

enviamos, nada exigimos formalmente, mas apelamos à consciência daqueles que o recebem de que “sem ovos (entenda-se o vil metal) não se fazem omeletes. Para bom entendedor...

Agostinho G. Alves Santa G67

Chegou-nos aos ouvidos que este AS, natural de Vila Pouca de Aguiar, do Curso de 1967/68, em Godim, tem assento no Parlamento como deputado do PS pelo distrito de Vila Real. Uma recomendação de amigo: cuidado com os ‘rabos de palha’.

José Eduardo A. Costa G63

Escreve-nos da Califórnia, (USA), confirmando a nossa suspeição ou seja, é mesmo irmão do António Marinho Amorim da Costa (G50). Ainda nos encontramos na Aguilha. No entanto, nos anos 60 rumou a Coimbra onde se formou, sendo professor na faculdade de Ciências a quem dirigimos daqui as nossas saudações e uma interrogação: para quando, Amorim, umas palavrinhas?

Agradecemos as palavras de elogio acerca do nosso Boletim que continua sendo o meio ou ponto de encontro de antigos colegas e professores. Lamentamos que nem sempre seja portador de boas notícias acerca de pessoas (professores) que te marcaram e que admiraste nos tempos da juventude, (P. Teles em Godim, P. Manuel Gonçalves, teu diretor no Fraião... e outros). Do P. Vassalo, que referes, irei colher notícias e que transmitirei no próximo número.

Agradecemos a tua sinceridade. Independentemente de tudo, interesse incluído, acho que vale a pena continuar a receber o Boletim apesar da escrita, nem sempre bem conseguida, por via do novo acordo ortográfico.

Francisco Miranda Sousa V74

Em primeiro lugar quero agradecer a v/ persistência em enviar o boletim, mesmo sem pagar a assinatura anual. No entanto, dado que não concordo nem aceito o acordo ortográfico, venho por este meio pedir que o deixem de enviar, não consumo literatura que obedeça a uma resolução ministerial que vai contra a minha vontade e entendimento e a da maioria da população lusófona.

Parece-me, essa, uma desculpa muito esfarrapada para desistir da recepção do Boletim. A levar à letra o que está dito, nada poderás fazer nem viver no meio em que estás mergulhado, onde a comunicação escrita, se é que a lês, na sua maioria se faz pelo novo acordo, assim como a legendagem da TV, se é que a vês, idem, aspas. Os teus filhos/netos se os tens na escola, deverias de lá retirá-los pois são instruídos nessas

novas regras. Na tua profissão de administrativo, seja público ou privado, certamente que lidarás com documentos redigidos segundo o novo acordo... ou na progressão de carreira onde és aliciado por concursos que são abertos consoante as novas regras... etc... tudo se conjuga e apela para uma emigração para Marte onde não chegou, juro, essa coisa do novo acordo.

No entanto, o teu desejo é uma ordem. Uma vez mais ser-te-á enviado o último Boletim (este) para tomares conhecimento do que pensamos dessa lengalenga toda que achamos um descomunal contra-senso.

Não somos fanáticos pela imposição do acordo ortográfico. Convivemos e superamos as desavenças, dele, resultantes. Não tenho conhecimento da realização de qualquer referendo nacional sobre a questão para aquilatar da maioria da população lusófona. De presunção e água benta... eu retiro a minha parte.

Com tolerância e compreensão serão superadas todas essas tricas que não levam a lado nenhum.

Sucesso para o blogspot que criaste e alimentas no Facebook em prol de Stª Maria de Galegos!

José Manuel M L Azevedo G76

Escreve a dizer que muito apreciou o Boletim n.º 174: Adorei o artigo o ABORTO ORTOGRÁFICO e com o qual, completamente de acordo. Constituiu novidade a informação sobre o “O P. LAPA E OS ASES” e o seu relacionamento com os mesmos; mas foi com a notícia do P. Mário Pires, de cujo falecimento não sabia, que em catadupa lhe vieram à mente os bons momentos passados nas aulas de ginástica, por ele ministradas, quando frequentava o 5º ano de então (agora o 9º) e lembra que no final da aula (por norma) deitávamo-nos no campo de futebol (por norma era lá) e pedia-nos para ouvir os pássaros, tentar libertar-nos... deixar de sentir os braços, respirar com calma... tentar esquecer os pés... Aquilo fazia-nos bem. Menos ansiosos mais calmos...

Uma outra memória e de que gostava, as corridas no exterior que por norma se faziam até ao monte do Picoto, sobranceiro à cidade. Por vezes fazia-se a subida ao Sameiro, passando pelo Bom Jesus, descendo à cidade e voltar ao seminário... aonde chegávamos estoirados; mas o gosto de sair para a Cidade “falava mais alto”... era bom! Eu nem sei como conseguia fazer aquilo. Adorava o P. Mário Pires.

Lá diz o deitado, e aqui fica comprovado, correr por gosto não cansa. Outros eram os tempos que nos impe-liam para fora dos claustros e o P. Mário Pires sabia como captar a juventude.

A QUESTÃO

Um membro dos corpos gerentes da UNIASES solicitou-me um artigo para o Boletim. Inicialmente, resisti à ideia. Ponderando, percebi que o pedido representava uma ocasião de partilhar uma questão, que é a minha questão fundamental de vida, e que, creio, será para todos uma questão irrecusável: porquê e para quê sou cristão? Ou, então, porquê e para quê não sou cristão? O que é, genuinamente, “ser cristão”?

Não é uma questão meramente pessoal. Pertence ao nosso contexto cultural e social. É civilizacional. Vem-nos do seio materno, do lar paterno, e da rotina social. Os desfasamentos (escandalosos) dos diversos “cristianismos”, particularmente do que podemos designar de “mundo eclesiástico”, tornam a questão mais insistente e exigente.

Vários intelectuais, como Heidegger, chegam a dizer que “não podemos não nos dizer cristãos”. Referem-se aos povos de cultura ocidental e aos que por ela foram colonizados. Na verdade, sociologicamente, podemos dizer que a cultura ocidental foi, por dois milénios, formatada por “um certo cristianismo”. O nosso sentido de responsabilidade impõe-nos aquilo que é o mais específico do ser humano, interrogar. O que é isso de ser cristão? Para quê? – Seguir uma certa tradição, uma rotina religiosa?

A resposta, a meu ver, só pode ser encontrada no cruzamento de dois caminhos: o do Projecto Cristão com o do Projecto Humano. O Projecto Humano insere-se num processo humano, multimilenário, evolutivo, cujo sentido é, por si só, uma incógnita.

O Projecto Cristão, surge, como revelação, dando sentido (duplo, como significação e como orientação) ao Projecto Humano. Jesus revelou um Projecto de vida humana: tudo o que fez e disse visava esse projecto, um “Reino”, não meramente individual, de religiosidade piedosa e de intimismo pessoal, mas essencialmente colectivo, um certo modo de ser e de conviver. A sua especificidade reside nos critérios revelados por Jesus, a realizar no concreto do nosso mundo, mas não com os critérios do “mundo”, humano mas transcendendo-se, nas suas contingências. Jesus foi enviado para instaurar esse Reino, testemunhou-o e solicitou que o testemunhassem, com os critérios do Reino. Era, pois, um projecto antropológico, o de um certo ideal de ser humano, pela especificidade dos critérios de Jesus. Em que medida é que esse ideal cristão de ser humano corresponderá aos apelos mais profundos da vocação humana?

A evolução multimilenária dos comportamentos humanos, constatados pela ciência antropológica e pela História, esclarece-nos sobre as características desses apelos mais profundos e mais insistentes da espécie humana. Através da face negativa desses apelos, que são os fenómenos de conflitualidade e de competitividade humana, é que melhor se percebem essas características: através dos fenómenos de violência, de dominação, de supremacia, de guerra, de apropriação e de distribuição de bens e de poderes, de ódio, de inveja, etc.

Tais fenómenos são a face negativa dos mais profundos anseios humanos: o máximo de reconhecimento individual e colectivo, o máximo de respeito, de dignidade, de autonomia e de participação plena nos interesses de todos. A história humana efectiva mostra-nos, sobretudo, a face negativa desses anseios, subvertidos pela dominação de uns sobre outros. As resistências à realização do Projecto Humano provêm dos próprios humanos, asseinhoreando-se de poderes e de domínio, que confiscam uns aos outros. Os critérios efectivos de realização e de valorização mundana, fundamentam-se, precisamente, na conquista de poder, de domínio, na sua exibição, na segregação, e na recusa de partilha.

O Projecto de Jesus revela uma verdadeira inversão de valores, que, todavia, correspondem à satisfação plena do “ideal ser humano”, mas que os critérios mundanos consideram utópico. Porque será que dois mil anos de cristianismo (de diferentes cristianismos) não têm convertido as sociedades ditas cristãs, talvez as que maior violência e violência mais sofisticada têm desenvolvido entre os humanos?

Os testemunhos genuínos do que Jesus fez e disse espantam-nos pela sua extrema simplicidade, mas também pela extrema exigência do seu conteúdo. Jesus era um artesão, socialmente pouco significante; fez-se rodear de seguidores modestos e iletrados; os seus discursos eram extremamente simples (assombrosos de sentido e de objectivo), por parábolas, capazes de ser entendidos por todos, sem quaisquer especulações filosóficas nem teológicas. Jesus não era mestre de nada, nem filósofo, nem teólogo, nem profeta, embora assim o tratassem, porque, pela simplicidade e pelo assombroso sentido do que dizia e fazia, atraía os de boa fé e inquietava os de menos boa fé. Tratavam-no de Messias, mas proibiu expressamente que o tratassem assim, porque o Messias que esperavam era uma personalidade de poder.

Jesus inquietava quem?: os poderosos, que dominavam os simples, os teólogos locais, escribas, especuladores das leis e dos regulamentos, fariseus, pontífices, sacerdotes e levitas, a hierarquia sacerdotal, e os poderosos de bens (ricos) e de mando. O seu contexto social era de multidões de gente pobre, dominada pelo poder religioso e pelo poder político, dois poderes que se antagonizavam, mas que se condescendiam mutuamente, medindo forças, em horizonte de domínio temporal.

Jesus aproximava-se dos simples, pobres e puros de coração, por quem era procurado e a quem ajudava, deixava-se rodear de pecadores, de publicanos e de prostitutas, deixava infringir as regras litúrgicas (o sábado é para o homem, não o homem para o sábado), e as regras da pureza ritual. Mas não evitava os poderosos, que lhe reconheciam a poderosa singularidade, mas que o consideravam blasfemo e demoníaco. Jesus aceitava discutir com eles, até aceitava conviver com eles à mesa, mas não lhes fazia o jogo. Os poderosos percebiam que o seu “reino” era outro.

Jesus não se afastava do mundo, integrava-se nele, transformava-o, com os critérios das Bem-aventuranças e da única oração que ensinou, testemunhando-os pela sua prática, junto dos que o seguiam e dos que o procuravam. Resumidamente, o que pretendia: confiança sem limites em “Abba”, e convivência de confiança sem limites nos outros, permanente sentido de transcendência quotidiana, e permanente partilha fraterna, a todos os níveis, num ideal de convivência “sem poder”, sem dominação, pela mesma razão de que todos eram, igualmente, “filhos” de “Abba”.

Os critérios mundanos não O suportavam, tinham de O eliminar. Jesus assumiu todas as contingências da violência humana, a morte e a infâmia. Ocasão para testemunhar o sentido da transcendência da vida, vencendo a morte. Os discípulos, temerosos e desprovidos de qualquer influência e poder, ante a morte e a infâmia, fugiram. Com a Ressurreição, perceberam o Projecto e destemidos, publicamente, testemunharam a sua realização. Como? – Criando comunidades de partilha fraterna.

Durante muitas décadas, gerações inteiras, as comunidades cristãs não tinham mais que o testemunho pessoal, para seguir Jesus. Não havia escritos, nem era preciso. Não tinham chefes, nem sacerdotes, nem templos, nem altares. Nem tudo lhes era claro, porque o que é “mistério” não é claro, nem os humanos, na sua contingência ontológica, jamais terão conceitos e palavras convenientes para o “mistério”. Por isso discutiam. Toda a história do cristianismo dos dois primeiros séculos foi de comunidades em controvérsia. Mas o importante era uma prática. Paulo de Tarso, que não era da primeira hora, discutiu e até censurou Pedro, o primeiro, e criticou Tiago, o irmão de Jesus, conservador, muito preso à Lei e aos regulamentos. Paulo de Tarso compreendeu melhor que ninguém o Projecto: “já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos sois um só, em Jesus” (Ga.3,28); “fostes chamados para serdes livres... fazei-vos servos uns dos outros”(Ga.5,13); “peço que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Este é o vosso culto autêntico. Não vos amoldeis às estruturas deste mundo” (Rm.12,1-2).

Paulo de Tarso, vale-nos como o primeiro e mais genuíno dos testemunhos. São dele os primeiros escritos, directos e autênticos, das proximidades de Jesus, nas suas sete cartas autênticas: aos tessalonicenses, aos gálatas, aos filipenses, a Filémon, aos romanos e duas aos coríntios. As demais, que lhe são atribuídas, são pseudepigráficas e bastante posteriores. Os evangelhos são também posteriores, e apenas o do evangelista Lucas e o seu “Actos dos Apóstolos” não são anónimos. Todos os textos do Novo Testamento são documentos testemunhais, mas não significa que testemunhem a genuinidade do Projecto de Jesus. Jesus não escreveu, nem manifestou qualquer vontade de que se escrevesse, mas que se testemunhasse. Nenhum dos Doze deixou qualquer escrito. Dos demais apóstolos (Paulo considera “apóstolos” as centenas dos que tiveram a experiência de Jesus ressuscitado e a puderam testemu-

nhar e foram os que originaram as múltiplas comunidades, que se expandiram pela Palestina, pela Síria, pelo mundo romano e fora dele) nada consta directamente. O que deles consta é por notícias de terceiros, onde já se vão notando concepções teóricas, especulativas, com tendências não genuínas. Algumas dessas tendências serão graves. Sintetizarei em dois aspectos: verdade e ordem. Os dois aspectos têm a mesma origem: poder. A preocupação pela verdade referia-se a verdades teóricas, a fixação de discurso dogmático, doutrina de especulação filosófica, que, na prática, significou retirar a palavra aos cristãos, à partilha comunitária. O cristianismo passou a ser mais a aceitação de uma doutrina do que um modo de ser. A preocupação pela ordem significou retirar aos cristãos a partilha comunitária das relações fraternas, dos seus carismas e das suas funções e do respectivo controlo comunitário, o que deu origem à criação de uma hierarquia de poder, crescentemente centralizado, sacralizado e sacerdotalizado.

Não se encontra em nenhum texto do Novo Testamento qualquer referência a uma ordem sacerdotal cristã. Jesus era um leigo, todos os apóstolos e discípulos eram leigos, nunca se disseram sacerdotes, nem praticaram nenhuma liturgia sacerdotal. Só a epístola pseudepigráfica “Aos Hebreus” e a também pseudepigráfica “Primeira Epístola de Pedro” referem o carácter sacerdotal e sacrificial de Jesus na sua Paixão e Morte, e, por Ele, extensivo a todos os cristãos, sem qualquer referência litúrgica prática, mas apenas como concepção teórica, teológica. As comunidades eram autónomas e auto-geridas, comunitariamente, partilhando e controlando, fraternalmente, carismas e funções. Em finais do primeiro século foram surgindo as primícias da hierarquização pós-apostólica. Elementos mais cultos e de personalidade mais forte assenhorearam-se das comunidades, pelo carisma da “presidência”, e depois dos demais carismas, da verdade e da ordem. Surgiram presbíteros e bispos. De início, colegialmente, depois monarquicamente. Nasceu assim o “mundo eclesiástico”, afastando, primeiro, as mulheres, depois os outros, os simples e ignorantes “leigos”, considerados incapazes de acederem à genuidade simples da “agapê”, em que afinal se resume o Projecto de Jesus. Leiam-se, atentamente, os capítulos 13 e 14 da 1ª Epístola de Paulo aos Coríntios e veja-se a vitalidade fraterna das assembleias (igrejas) que supõem as palavras de Paulo.

A constantinização do cristianismo e a posterior promiscuidade com os poderes políticos, militares, financeiros e respectivas perversidades, sob pomposas honrarias e liturgias, só foram possíveis pela confiscação da partilha comunitária, da palavra, do controlo dos comportamentos, e dos espartilhos administrativos e burocráticos, que no Céu não têm qualquer lugar, nem utilidade, nem função. Alguém poderá dizer que estes cristianismos correspondem ao Projecto de Jesus e fomentam as relações fraternas, que o “ser humano” anseia, e a revelação de Jesus veio instaurar?

O BEATO P. TIAGO LAVAL, CSSP APONTAMENTO BIOGRÁFICO

* Por ocasião dos 150 anos do falecimento, (9 de Setembro de 1864), do missionário e grande apóstolo da Maurícia que também foi médico e pároco de aldeia *



Jacques-Desiré Laval, nasceu na aldeia de Croth, departamento do Eure(1), diocese de Evreux, Alta-Normandia, França, em 13 de setembro de 1803, de uma família de agricultores abastados. Aos sete anos perdeu a mãe, pessoa generosa e bondosa para com os mais pobres e sem-abrigo. O pai foi presidente

da edilidade local com o cargo de prefeito da Comuna.

De 1817 a 1825, fez os estudos clássicos em Paris, tendo-se formado em Medicina no ano de 1830, pela universidade de Sorbonne. Abriu um consultório em Stº André de Eure, perto de sua terra natal, servindo e cuidando dos seus pacientes com aquela mesma dedicação e generosidade que percebera de sua mãe. Muito requisitado pelos conhecimentos de medicina, não tinha mãos a medir com a 'clientela' que constantemente o solicitava. Aos realmente necessitados, os pobres, nada cobrava pela consulta; em contrapartida, os honorários cobrados aos mais ricos permitiam-lhe tal atitude.

Em 1834 está a exercer clínica em Ivry-la-Bataille(2). Bem instalado na vida, com um futuro social promissor à sua frente, não resistiu aos apelos mundanos que o rodeavam e aos poucos foi esquecendo a formação e educação religiosa recebidas quando menino e moço. Vivía infeliz e numa frustração de não-realizado e não fora o feliz acaso, ou a mão da providência divina, de encontrar uma família de apelido Simon, onde estava hospedado, que através do seu fervor apostólico e digna conduta cristã de vida familiar o haveria de influenciar, chamando-o à razão. Confidencia a alguns familiares que não se sente atraído pela riqueza e, pelo casamento tão pouco. Sente um chamamento de Deus; para abafar tais pensamentos, leva uma vida intensamente ocupada com trabalho e visitas sem conta, aos seus doentes. Aos poucos vai retomando a prática religiosa que havia perdido no auge da sua carreira de médico e afeiçoava-se pelas leituras de índole espiritual de tal modo que no ano seguinte, 1835, era um reconvertido fervoroso que vivia em paz com a sua consciência, tentando descobrir a vontade de Deus através da insignificância do quotidiano.

Após competente e respetiva formação teológica, no seminário de S. Sulpício(3), Tiago Laval seria ordenado sacerdote em 22 de dezembro de 1838, pelo arcebispo de Paris, Mons. de Quélen. Em 2 de fevereiro do ano seguinte, é nomeado oficialmente pároco de Pinterville(4), paróquia da Diocese de Evreux(5) onde permanecerá por dois anos antes de partir para a Maurícia(6).

Os pobres e os doentes são o seu campo predileto de ação pastoral aos quais visita diariamente, socorrendo os que lhe pedem pão e agasalho, chegando a sofrer privações em favor dos mais desfavorecidos.

À semelhança do Cura d'Ars tinha de ser santo para santificar os paroquianos que apenas acorriam/ocupavam o pároco/padre como mero administrador de sacramentos (batismo, casamento) e de cerimónias e hábitos religiosos

(funerais, procissões...). A sua evangelização começou de início com a catequese para os jovens e depois para os adultos (operários e camponeses), procurando difundir o gosto pela oração, o amor pela Eucaristia e a devoção filial a Maria. Estavam lançados os alicerces para uma dedicação à missionação dos mais pobres no/do continente africano, recém-libertados dos grilhões da escravatura, cuja abolição se verificara no ano de 1835.

Em 15 de setembro de 1841, já membro da Congregação do Espírito Santo, fundada por Francisco Libermann, aportará à Ilha Maurícia como o primeiro missionário enviado, dando expressão ao espírito que presidiu à fundação daquela congregação missionária: "O meu coração é dos africanos". Provocada pela abolição da escravatura, a ilha vivia em notória convulsão interna com o descontentamento generalizado entre os colonos que viam seus lucros irem por água-abaixo uma vez que os negros começavam a ter consciência primária dos seus direitos.

Esse seria o seu primeiro combate pelo qual pugnou: a libertação, dignificação e evangelização dos escravos. Os antigos senhores e colonos eram reticentes em pôr em prática a total e incondicional libertação de seus antigos escravos pois que estava em jogo a sua própria libertação e independência económica e social; por sua vez, os antigos escravos não estavam preparados para assumir os seus novos direitos, a alforria.

A par da libertinagem de costumes, imperava na ilha a corrupção. À sua chegada, o P. Laval verificaria ainda uma situação religiosa praticamente nula, sobretudo entre os negros africanos, aos quais abnegadamente se dedicaria de alma e de coração, o que lhe acarretaria muitas inimizades por parte dos agentes colonizadores. A educação religiosa e, ao mesmo tempo, a dignificação da pessoa humana foram o ponto de partida para a evangelização, começando a sua tarefa apostólica com alguns negros originários da ilha e de Moçambique, afinal os criados e trabalhadores da missão, da sua própria casa.

Faleceu na sua ilha em 9 de setembro de 1864; cerca de 40.000 pessoas (1/3 da população, aproximadamente) participaram no seu funeral. Hoje é considerado um "herói nacional" e o dia da sua morte é comemorado como o dia nacional da Maurícia. O seu túmulo é visitado anualmente por mais de centena e meia de milhares de pessoas, sem diferença de cor e/ou religião que o veneram como pai e amigo dos pobres e a sua memória é fator de tolerância e diálogo existente no mosaico de raças e religiões por que é composta a Maurícia.

Atualmente, todos os anos, normandos e mauricianos, hindus, cristãos e muçulmanos, reencontram-se em Pinterville para festejar, orar e pedir a intercessão do apóstolo dos pobres.

Tiago Laval foi declarado Beato, em 29 de abril de 1979, por João Paulo II, no primeiro ato de beatificação do seu pontificado.

A Redação

- (1) **Eure** – rio afluente do Sena, na margem esquerda, dando nome a um departamento (divisão administrativa do território francês), na Alta-Normandia, onde se situam as povoações, vilas e cidades francesas aqui referidas: (2) – (4) e (5)

- (3) **Seminário de S. Sulpício** – por estar instalado na paróquia de S. Sulpício, assim ficou conhecido; era dedicado à formação do clero. Foi seu fundador Jean-Jacques Olier, pároco da Igreja de S. Sulpício. A Companhia ou Sociedade dos Padres de S. Sulpício exerceu importante papel na evangelização da "Nova França"/Canadá

- (6) **Maurícia** – país em pleno Oceano Índico, de origem vulcânica, constituindo um pequeno arquipélago de que fazem parte as ilhas Mascarenhas, a ilha Maurícia, ilha Rodrigues, as ilhas Cargados, Carajos e Agalega. Localizada a cerca de 800km a leste de Madagáscar, entre a ilha de Reunião (fr.) a oeste e as Seychelles a norte. A população é constituída maioritariamente por indivíduos de etnia indiana (68%), sendo a restante de origem europeia, africana, chinesa e malgaxe. Quanto à religião, 44% confessam o hinduísmo, 33%, o cristianismo, 17%, o islamismo... Por manifesta influência indiana a unidade monetária é a rúpia da Maurícia. Independente desde 1968 tem em Port-Louis a capital e principal porto de mar. Para além do Turismo, tem nas exportações de açúcar e vestuário a sua principal riqueza.

O ESPÍRITO SANTO E EU (...) BOANERGES F. BORGES

RECRUTAMENTO E ADMISSÃO

No princípio de Outubro de 1947, entrei para o primeiro ano do Seminário do Espírito Santo em Godim-Régua, dois meses e meio antes de completar 11 anos.

Este facto marcou indelevelmente a minha vida. Mas há outros factos e circunstâncias que o precederam e lhe sucederam, de que só agora me apercebi quando, passados 65 anos, me propus escrever esta crónica. A memória não os retém com a frescura, a nitidez e a precisão de outros tempos. Admito, até, que possa haver uma ou outra imprecisão. Mas, em compensação, estou convencido de que estes longos anos decorridos, permitirão que faça alguma análise enriquecida pelo conhecimento que a vida me trouxe e que procurarei fazer de forma desapaixonada e sem qualquer proselitismo.

Não vou começar por garantir que desde pequenino o meu sonho foi ser missionário, à semelhança do que frequentemente se lê em biografias de personagens ligadas à Igreja. Mas devo confessar que ouvi falar da Congregação do Espírito Santo, seguramente, desde que nasci.

Um primo meu, de nome Manuel Fonseca, filho do tio Manuel, o único dos irmãos da minha mãe que conheci, andava a estudar para padre, o Padre Fonseca, na Congregação do Espírito Santo. Era um pouco mais novo do que os meus 4 irmãos mais velhos e um pouco mais velho do que a minha irmã Efigênia, que era mais velha do que eu cerca de 10 anos. Quando eu nasci, ele deveria estar a frequentar o segundo ou o terceiro ano. Recordo-me de ser ainda menino e de o ver lá por casa, durante as férias, todo vestido de negro, com imenso cuidado para não sujar a roupa. Os meus dois irmãos mais velhos, que eram uns grandes mariolas, gozavam e entravam com ele por ter escolhido a carreira de sacerdote e desenvolviam um certo tipo de conversa brejeira para o deixar atrapalhado. O Augusto, de idade mais aproximada e com instrução mais apurada, era muito amigo dele e juntos mantinham longas conversas. As duas raparigas da casa, crentes e recatadas, tratavam-no com amizade e consideração. E eu era o pirralho a quem se ligava pouco ou nada.

Em Julho de 1947, com dez anos e meio, terminei a antiga 4ª classe da Instrução Primária, com a classificação de distinto.

De facto era reconhecido pelos professores como bom aluno, não porque fosse um estudante aplicado, mas tinha facilidade em aprender, especialmente a aritmética, em que resolvia problemas de alguma complexidade.

Vários professores manifestaram a opinião de que seria uma pena eu não continuar a estudar, mas, infelizmente era esse o caminho que seguia a maior parte dos filhos de lavradores remediados, como era o nosso caso. Normalmente ficavam em casa a ajudar os pais nas lides da lavoura. Quando entravam na idade adulta, se não encontravam de imediato outra saída mais atraente mantinham-se a trabalhar nos campos ou, logo que surgisse uma oportunidade, mudavam para outra actividade não muito qualificada, como aconteceu com os meus irmãos. Muitos emigravam.

Conforme ficou explicitado no preâmbulo, algumas famílias mais ricas punham os filhos a estudar, o que implicava elevado esforço financeiro, que não se coadunava com os parcos rendimentos disponíveis e, sobretudo, com os hábitos e tradições daquela gente muito poupada, como se dizia, e que considerava a despesa com a educação um completo desperdício.

Pela minha parte, não devia produzir raciocínios muito elaborados sobre a matéria. Embora não morresse de apetites pelo estudo, ainda gostava menos do trabalho na lavoura, de que já tinha larga experiência, apesar da idade. Lembro-me de ter apontado como saída ir para a Escola Comercial de Ovar, mas lá em casa nem queriam ouvir falar nisso: - um miúdo de dez anos, a andar de comboio para trás e para diante, nem pensar.

Entretanto, tinha-se ordenado o meu primo padre Fonseca. Estudou na Congregação do Espírito Santo, acabou o curso e foi ordenado em conjunto com outros nove, se a memória não

me falha, em Viana do Castelo. Em Válega houve "missa nova" com uma festa a condizer e foi um momento de exaltação para a família que passou a ter um padre no seu seio, o que era honra de grande prestígio naquele tempo e por aquelas bandas.

E começaram a chover os comentários e as pressões para que eu seguisse o exemplo do meu primo, podendo assim continuar a estudar por um preço muito mais baixo e sem andar pelas ruas, sujeito aos mais variados perigos. A certa altura, fui mesmo colocado entre o dilema: - ou vais para o seminário, ou ficas a trabalhar na lavoura.

Eu sabia que a ida para o seminário implicava um regime de internato, com ausências da família durante três meses, pois só eram permitidas idas a casa no período de férias. Para um miúdo de dez anos, que apenas se recordava de ter dormido uma noite fora de casa, que até nem foi particularmente feliz, isto era uma dose francamente exagerada e procurei resistir até aos reduzidos limites que eram permitidos a um catraio daquela idade. Mas os valores em jogo e as pressões foram tantas que acabei por ceder levando como prenda duas coisas que, de resto, faziam parte de extenso enxoval que era obrigatório levar: - um par de botas e um canivete. Ainda hoje me faz confusão pensar para que raio servia o canivete.

Aqui entrou em cena uma personagem que parece ter tido influência na ida do meu primo para o seminário e também a iria ter agora, para mim: - uma iamista de nome Prazeres, que exercia a profissão de regente escolar, solteirona e beata convicta dos quatro costados. Foi o elo de ligação com o padre Felício, e acompanhou-me até Cortegaça, onde me lembro vagamente de ter prestado uma espécie de prova de admissão.

É claro que, com argumentos destes, primo padre e iamista indefectível a puxar pelo neófito, eu tinha mesmo de entrar. E nos primeiros dias de Outubro de 1947, logo de manhãzinha depois de uma despedida em casa, com toda a gente a chorar, uns para cada lado, o meu pai lá me acompanhou, com uma sacola enorme, quase do meu tamanho, onde seguia o bendito enxoval, todo marcado com o número 167, a caminho da Régua.

Como tínhamos passe para os Caminhos de Ferro, devido aos meus irmãos ferroviários, fomos de comboio desde Válega até ao Porto e, depois, do Porto até à Régua, pela linha do Douro. Na estação da Régua juntou-se um respeitável número de futuros colegas que tinham viajado no mesmo comboio, vindos da Vila da Feira e arredores. Alguém que não recordo organizou uma espécie de grupo e fomos até Godim, em bando relativamente organizado.

Não me lembro dos pormenores da instalação, a não ser que pertencia ao dormitório dos mais pequenos e fiquei na cama nº 81, a penúltima, porque só havia um mais novo do que eu, de nome Machado, com a cama nº 82.

Mas não posso esquecer o momento terrível da despedida do meu pai, que também deveria estar a viver um pesadelo. Eu era o filho nascido após 20 anos de emigração, o único com quem ele convivera verdadeiramente e de quem nunca se tinha separado. Estivemos durante longo tempo um ao lado do outro, sem falar e com as lágrimas a correr pela cara abaixo, no recreio junto à escadaria de acesso. A certa altura ele deu-me um beijo e disse-me para ir brincar com os outros meninos.

Comecei a andar, lentamente, para o fundo do recreio. Quando me voltei, ele tinha desaparecido. Continuei a andar até ao fim e encostei-me a uma parede a chorar desalmadamente. À noite, na solidão da cama, roído de saudades, voltei a chorar de mansinho até adormecer.

Acordei cedo, como todos os outros, com as palmas do prefeito e iniciámos um ritual que se iria repetir com pequenas nuances, todos os dias, ao longo das semanas, dos meses e dos anos durante os quais me mantive nos três seminários por onde passei: - Godim-Régua, Fraião-Braga e Silva-Barcelos.

(Continua no próximo n.º - 176)

CANTINHO DA POESIA

ROSA-VIDA

No braço mais esguio da roseira
Nasceu (oh maravilha natural!)
Um pequeno botão, um madrigal,
Que deixou orgulhosa a jardineira.

Cresceu. Um dia, numa bebedeira
De sol, abriu a boca virginal,
Num rubro tenro e vivo, sem igual,
Em festim de beleza verdadeira.

O jardim se inundou de cheiro e cor.
Mas tão-só por três dias. Inflexível,
O tempo retirou-lhe o seu favor:

Cheiro perdido, cor esmaecida,
Pét'las caídas... Irreconhecível!
Assim a rosa, assim a humana vida.

António Luís – Godim 1956 – (17 abril de 2014)

ENCANTAMENTO!

Não é preciso eu dizer-te,
O que é a felicidade;
Tu saberás, quando, ao ver-te,
Tu me vires e disseres: sim é verdade!

Verás também, com que avidez
Meus olhos, beijarão os teus;
É verdade, que há embriaguez
Sem vinho e versos, que são só meus!

Serão só meus, até um dia que chegará,
Mais tarde ou mais cedo, eu acredito
E então aí, mais nada há, ou haverá

Para guardar, tudo vai ser dito:
Olhos nos olhos, oferta que se dá
Em plenitude, sem hesitar, sem dor ou grito!

**Manuel António Pousa - Godim 57
In "Roteiro Poético e Idílios Meus" 04/14**

A FONTE, DOS AMORES...

Se tu um dia fores
E eu, pelo anoitecer,
Àquela fonte dos amores,
Que tão bem, deves conhecer,

Deixarias lá, eu estou em crer,
Uma mensagem, que assim diria:
Faz este amor nosso, crescer
E da noite, faz ó fonte, um claro dia!

Um dia claro, como é tua água,
Que tantos e tantas terão bebido,
Para matar a sede ou matar sua mágoa!

Por um grande amor, ter ali perdido!
E escreverei, um verso, desta frágua,
Que é meu bem, só para por ti, ser lido!

**Manuel António Pousa - Godim 57
In "Roteiro Poético e Idílios Meus" 04/14**

"RICKY"

Na vila é o rapaz mais conhecido;
Na rua, ao caminhar, o mais jeitoso.
Um, dois, ora gingão, ora contido,
O seu passo tem algo de gracioso.

Uma alma de exceção – é consabido.
Às artes se dedica, talentoso.
Sem igual, o seu gosto é discutido
Por erudito ou leigo mais curioso.

Namorada não tem a quem amar.
Ama as plantas e os bichos, dá-se à gente,
Mas às crianças é a quem mais quer.

Sim, "Ricky" é pessoa singular:
Entrega-se e, mais, fá-lo duplamente,
Pois tem coração de homem e mulher.

António Luís – Godim 1956 – (18 janeiro de 2013)

TESOURARIA JULHO / SETEMBRO 2014

N.º	Nome	Conta	Montante
11	Abílio Dias Fernandes	QUOTAS	40,00 €
2748	Américo Pereira Espírito Santo	QUOTAS	100,00 €
2749	Antonio Alves Pereira	QUOTAS	20,00 €
2015	António Hipólito Pais-Vva D. Helena	QUOTAS	50,00 €
2423	António Manuel Pereira Jesus	QUOTAS	50,00 €
393	António Pinto Teixeira Carneiro	QUOTAS	30,00 €
431	António Vieira Parente	QUOTAS	40,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	15,00 €
702	Ernesto Rodrigues Gomes	QUOTAS	40,00 €
713	Fausto Jesus Pereira	QUOTAS	30,00 €
2798	Francisco António Castro Gonçalves	QUOTAS	50,00 €
781	Francisco Carlos Duarte Fonte	QUOTAS	30,00 €
958	João Nunes Garcia	QUOTAS	50,00 €
1048	Joaquim Nunes Cardoso	QUOTAS	25,00 €
2768	Jorge Conceição Santos	QUOTAS	50,00 €
1373	José Valentim Gomes Eusébio	QUOTAS	30,00 €

N.º	Nome	Conta	Montante
1379	Júlio Antunes Costa Vieira	QUOTAS	30,00 €
1410	Luis Alberto Martins Gomes	QUOTAS	30,00 €
2848	Manuel Augusto Pereira	QUOTAS	20,20 €
1532	Manuel Fernando Faria Souto	QUOTAS	20,00 €
2882	Manuel Monteiro Silva Leite	QUOTAS	40,00 €
1650	Manuel Ribeiro Soares	QUOTAS	20,00 €
2880	Manuel José Pereira Carvalho	QUOTAS	30,00 €
1787	Paulo Pires Figueiredo	QUOTAS	40,00 €
2893	Rafael Correia Andrade	QUOTAS	20,00 €
	Anónimo	QUOTAS	20,00 €
			920,20 €
Distribuição de "Levados Por Um Sonho"			
Distribuídos até 30-09-2014		317	4.780,00 €
Ofertas		45	0,00 €
Para distribuição		158	

Notícias... tristes



P. Argemiro Rodrigues Geraldo

Natural de Fermentelos/Águeda onde nasceu a 18 de fevereiro de 1935, faleceu a 23 de agosto de 2014 no Hospital de Santa Maria onde se encontrava internado, por motivo de doença incurável e progressiva. Do Curso de 1947/48 em Godim/Régua..

Após conclusão do Noviciado, iniciado no ano de 1953, faria, a 8 de setembro do ano seguinte, a sua profissão religiosa no Seminário da Silva. Foi ordenado presbítero a 27 de setembro, no Seminário da Torre d'Aguilha, tendo sido enviado para as Missões, e colocado na Missão do Maiombe, em Cabinda, vindo a ocupar o cargo de diretor do seminário de Cabinda, em 1963. Ser-lhe-ia entregue a paróquia de Cabinda que dirigiu pastoralmente entre 1967 a 1976, ano em que seria colocado como diretor da Casa dos Rapazes de Luanda.

Seria, no entanto, com o estatuto de Procurador das Missões da Congregação que ficaria mais conhecido, funcionando como a placa giratória dos missionários que chegavam para serem colocados/ integrados nos terrenos de Missão, tratando da resolução de problemas/conflitos de burocracia nos tempos de guerra, a princípio. Era fundamental o seu apoio prestado às dioceses e aos missionários para uma melhor integração sem conflitos onde estes eram colocados. Exerceu, sempre de boa vontade, esse cargo/serviço de Procurador das Missões de 1978 a 2013, ano em que regressou a Lisboa para ser tratado da doença grave, agora revelada, que o haveria de consumir. Após vários tratamentos, sentindo melhorias, regressaria a Luanda, por pouco tempo, tendo a sua doença agravado significativamente. Em Agosto de 2014 seria internado no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde faleceu no dia 26.

Foi a sepultar no cemitério da terra que o vira nascer, Fermentelos/Águeda.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares.

Que o Senhor o acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos tivemos conhecimento do falecimento de:

AS 2863 – Domingos António Lopes Barros

Natural de Navió/Ponte de Lima, onde nasceu a 28 de janeiro de 1953, faleceu no Porto, onde residia, no ano de 2009, com 56 anos de idade. Do Curso de 1964/65, em Viana.

AS 1884 – Sílvio Pinto

Natural de Anreade/Resende, onde nasceu a 31 de Maio de 1927, faleceu a 20 de abril de 2013, na cidade do Porto, onde residia, com 85 de idade. Do Curso de 1940/41 na Guarda Gare.

AS 2015 – António Hipólito Pais

Natural de Paranhos concelho de Seia, onde nasceu a 13 de abril de 1942, faleceu repentinamente, em 6 de junho de 2014, na sua residência na Marinha Grande; contava 72 anos de idade. Do Curso de 1955/56, em Godim.

AS Pedro Candjimbu

Faleceu a 2 de Abril de 2014, em Reus-Tarragona (Espanha) com 75 anos de Idade. Natural de Caconca - Sá da Bandeira- atual Lubango - capital da Huila/ Angola, onde nasceu a 1 de outubro de 1938.

Ingressou na Torre d'Aguilha no ano de 1960 para frequentar o Noviciado, tendo completado os estudos eclesiais no ano de 1966.

Depois de uma breve passagem pelas Missões em Cabinda acabaria por fixar-se em Espanha, tendo passado ao estado laical.

Era presidente da Associação AYUDA ÁFRICA AYUDARSE que tinha por finalidade mitigar a fome e combater a pobreza extrema no Continente Africano, especialmente em Angola.

Maria de Fátima Quinteiros Lopes

Faleceu em 7 de setembro de 2014. Natural de Vila Flor, era professora oficial do Ensino Primário e esposa do AS José Luís Henriques da Silva (V-59), residente em Argoncilhe.

Por devolução de Boletim (174) com indicação de “falecido” pelos serviços postais dos CTT:

AS 131 – Alexandre Teixeira Godinho

Natural de Espinho, faleceu na Parede/Cascais, onde residia com a idade de 77 anos. Do Curso de 1947/48, em Godim.

AS 1732 – Miguel Vaz

Natural de Alfaiates/Sabugal, faleceu em Vila Franca de Xira, onde residia, com 89 anos de idade. Do Curso de 1936/37, na Guarda Gare.

AS 1879 – Rogério Augusto Ribeiro Osório

Natural de Magueija/Lamego onde nasceu a 26 de junho de 1963, mesma localidade onde faleceu; contava 50 anos de idade.

Do Curso de 1974/75, em Godim.

**Que descansem na Paz do Senhor!
Sentidos pêsames a todos os seus familiares.**

ESTANTE

Joaquim Moreira

ÀS VOLTAS COM A GINGA



Afinal, é bem provável que vivamos todos de lendas. E que precisemos delas.

O absurdo da vida, para aqueles que acreditam nela assim, é tanto maior quanto menos lendas deixarmos entretecer o nosso quotidiano. Mitos e lendas instalam-se facilmente, nascem como cogumelos, uma espécie de geração espontânea. Avia-se cada um com as lendas possíveis e/ou convenientes, algumas vezes poucas e boas, mas sempre lendas, uma que seja, para dar sentido ao absurdo, tocar a vida para a frente, abrir caminhos de felicidade. E o que se diz para os indivíduos diz-se também para os grupos, para certas sociedades, que precisam disso para sobreviver. Isto nos levaria muito longe, mas não é tempo de abrir polémicas nem acentuar inquietações, basta o que basta.

Pode não parecer, mas isto vem a propósito do recente lançamento do último livro de José Eduardo Agualusa "A Rainha Ginga". Pouco sabemos objectivamente da mulher que conseguiu chegar a "Rei" do Reino do Dongo o qual, muito grosso modo, atravessava Angola de oeste para leste, de Luanda para Malanje, o rio Kuanza como espinha dorsal, e que viria a dar nome a Angola. Porque a guerra entre os vários reinos daquela vasta região de África, bacia do Congo para sul, era coisa trivial e constante, os portugueses, na defesa sobretudo dos seus interesses comerciais tiveram, desde que Diogo o Cão plantou padrão em terras da foz do Congo, de jogar o jogo das alianças. Entre o Reino do Congo, nossa primeira aliança, e o Reino do Dongo, grassava de há muito a ambição imperial. E a Rainha

Ginga entrou no barulho, afastou, e de que maneira, um tio, um irmão, e sabe-se lá quem mais, anexando também o reino da Matamba e continuando no tabuleiro dos portugueses e, a seu tempo, de uma manada de flamengos, para o bem e para o mal. Estamos na primeira metade do século XVII. A (futura) Rainha Ginga, entretanto feita cristã, na sequência de uma ida diplomática a Luanda, com o novo nome de D. Ana de Sousa, parece que se opunha, entre outras coisas, à venda das suas gentes como escravos para o Brasil, mas a verdade é que mantinha escravos à sua conta, para todos os efeitos. Diz-se (imagina-se) até que escravizava os próprios escravos como quando se sentava, escreve Agualusa, e à minguada de outro assento, nos costados de uma das escravas, nunca mais a voltando a utilizar, a reciclagem ainda não era conhecida. Consta mesmo que liquidava os amantes de que se servia, mas isso se me afigura imaginação a mais. Por estas e por outras estamos plenamente mergulhados no reino da fantasia e da lenda.

Com o presente livro, José Eduardo Agualusa disse sentir-se, pela primeira vez, escritor. Ficam-lhe bem estes sentimentos. Não é escritor quem quer e é bom que a gente conheça sempre os próprios limites. De Agualusa venho lendo textos vários, desde crónicas jornalísticas a romances, ou partes deles. E confesso que não é escritor que me entusiasme. Reconhecendo-lhe sem problemas o seu carácter de "utilidade pública" literária, continuo pensando que lhe falta qualquer coisa para o patamar da consideração e estima nacional/universal que se dá, no limite, a escritores como Lobo Antunes ou Saramago, Sofia ou Eugénio de Andrade, sem ofensa para Herberto Helder, que muitos dizem o maior poeta português vivo. E outros,

com certeza, muitos outros, que Portugal, não sendo seguramente um país de economistas, é seguramente um país de literatos. No caso do presente livro, e com a devida vénia, não vejo que Agualusa tenha dado qualquer espécie de salto qualitativo. Trata-se simplesmente de um livro (muito) interessante e que pode ler-se com curiosidade e gosto, pelos dados históricos e por alguns elementos ficcionais, aliás sempre parcamente explorados. E de um modo geral com bastante falta de chama, o escritor não é pessoa que (se) entusiasme.

Reencontramos neste romance alguns dos poucos dados objectivos que conhecemos da Rainha que entrou na lenda e ficou no imaginário da "nação" angolana como símbolo da sua luta. Curiosamente, a dita nação parece restringir-se aos antigos reinos da desinibida Ginga, mais ou menos o equivalente à principal zona de influência do "partido" que aproveitou bem a mítica figura e veio mais tarde a tomar conta da Angola toda. E a domina há tantas décadas quantas A. O. Salazar colonizou a mesma Angola com o respectivo país colonizador. Por menos verdade histórica que haja na lenda, dá sempre jeito explorar material como este.

Também sobre o tema saiu, já em 2008, um romance de Manuel Ricardo Miranda, "Ginga a Rainha de Angola", outro tratamento, a mesma mitologia. De referir ainda o recente filme angolano de Sérgio Graciano, que não tive oportunidade de ver, província não conta, filme com o nome da Rainha, colocado em estante na "Acção Missionária" de agosto/setembro último. Todos estes inventos poderão ter vindo a propósito dos 350 anos da morte da carismática e negra mulher angolana, o ano passado.

Pasto abundante, assim haja vontade de, com licença, pastar.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

NIB 0035 2008 0003 8874 930 35 | CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA: UNIASES Apartado 1098 4710-908 BRAGA

CONTACTOS ases@portugalmail.pt

Presidente: 969 690 551 - 214 445 827 - alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro: 919 441 970 - 253 951 257 - cunhapintobraga@sapo.pt